

HISTÓRIA E CULTURAS

A CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS FUTEBOLÍSTICAS EM LIMOEIRO DO NORTE: TRAJETÓRIAS, INSTITUIÇÕES E PROFISSIONALISMO (1953-1996)

João Paulo Guimarães Maia¹
Caio Lucas Morais Pinheiro²

Resumo: Inserindo o futebol como temática central de pesquisa, temos como objetivo principal compreender de que forma se desenvolveu a prática do esporte em Limoeiro do Norte, cidade interiorana no Estado do Ceará, na medida em que foram construídas distintas experiências do “jogar”. Para isso usaremos como fonte principal o depoimento oral de dois ex-jogadores, um amador e um profissional. Compreendendo o futebol como objeto interdisciplinar, analisamos a trajetória histórica, cultural e social do jogo no Brasil à luz de produções historiográficas, antropológicas e sociológicas. Além disso, problematizamos a noção do futebol como mero reflexo da sociedade ou como um ambiente “neutro” que “não se discute”, observando que ele comporta uma série de experiências singulares de gênero, classe e raça.

Palavras-Chave: Futebol; Limoeiro do Norte; Futebol Amador; Futebol Profissional.

Abstract: Inserting football as a central research theme, our main objective is to understand how the practice of the sport was developed in Limoeiro do Norte, an interior city in the State of Ceará, insofar as different experiences of "play" were built. For this, we will use as main source the oral testimony of two former players, an amateur and a professional. Understanding football as an interdisciplinary object, we analyze the historical, social and cultural trajectory of the game in Brazil in the light of historiographical, anthropological and sociological productions. In addition, we problematize the notion of football as a mere reflection of society or as a “neutral” environment that “is not discussed”, noting that it encompasses a series of unique experiences of gender, class and race.

Key words: Football; Limoeiro do Norte; Amateur Football; Professional Football.

INTRODUÇÃO

De maneira recorrente, o futebol atravessa o cotidiano das pessoas por diversas facetas. Seja por meio do próprio apreço individual ao esporte, ou contato no conjunto de relações interpessoais com sujeitos que possuam simpatia pelos jogos, clubes e jogadores específicos, até mesmo através da influência de constantes noticiários que promovem uma veiculação de informações ligadas ao universo do futebol.

É tomando o futebol como temática de estudo, que descortinamos, ou ao menos tentaremos demonstrar que futebol se discute. A complexidade dos significados e relações que o envolvem tanto a níveis individuais como coletivos, requer, além de um recorte muito específico do objeto para aqueles que “entram em campo”, como o historiador, um diálogo importante com outras áreas,

¹ Graduando do curso de licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAFIDAM). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail para contato: jpaulogmaia2000@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor substituto do curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAFIDAM). E-mail para contato: caiolucasmorais@gmail.com

HISTÓRIA E CULTURAS

visto que a própria complexidade do jogo obriga a uma interdisciplinaridade para dar conta das esferas históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas que, ora dentro das “quatro linhas” ora fora, influenciam diretamente o esporte mais popular do país.

Desta forma, o recorte feito para ser trabalhado nesse artigo transita muitas vezes, dos campos, para fora deles. A análise das memórias que relatam as experiências de dois ex-jogadores de futebol, conhecidos popularmente como Zé Régis e Chiquinho, no Município de Limoeiro do Norte, interior do Estado do Ceará, podem nos oferecer indícios de como se desenvolveram configurações distintas da prática futebolística local em torno dessas trajetórias.

As fontes primárias que fundamentarão a argumentação consistem, principalmente, de entrevistas realizadas com os jogadores citados. Outras utilizadas possuem caráter de registros memorialísticos e jornalísticos.

1. Entrando no “campo”: perspectivas teóricas sobre o futebol.

Visamos, inicialmente, situar e aproximar os leitores das características de um fenômeno que embora marque de maneira profunda a trajetória histórica brasileira desde o início do Século XX, só adentrou o universo das pesquisas acadêmicas na segunda metade deste. No entanto, é digno de destaque o aumento exponencial de pesquisas historiográficas com a temática do Futebol durante as primeiras duas décadas do século XXI.

Dentre as que usaremos como referências, cabe aqui dar destaque para as que versam sobre a trajetória do futebol no Estado do Ceará, pois o ângulo de análise da pesquisa se desloca dos grandes centros para compreender como essa prática se desenvolveu em uma cidade interiorana, distante aproximadamente duzentos quilômetros de Fortaleza.

No campo historiográfico, esta pesquisa está situada dentro da nova vertente de campos históricos que surgiram a partir do final da década de 1920, com novos rumos dentro da ciência histórica propostos pela Escola dos Annales, como afirma Burke(1991)³. O alvorecer de novos campos e métodos de pesquisa, possibilitou o estudo e análise de novos objetos, como é o caso do futebol.

O futebol está circunscrito e possui em torno de si, por parte dos sujeitos envolvidos em sua teia de relações, um campo complexo de experiências, representações, significados e sentidos. Portanto, notadamente o futebol é classificado pelo antropólogo Roberto da Matta (1982)⁴ como um ritual dramático, no qual uma sociedade “se deixa perceber ou ler por seus membros” (DA MATTA,

³ BURKE, Peter. **A Revolução francesa da historiografia**: A escola dos *Annales* 1929-1989. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

⁴ DA MATTA, Roberto; BAETA NEVES, L. F.; GUEDES, Simoni Lahud & VOGEL, Arno. **O Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s180v5s>. Acesso em: 13 de jul. 2021.

HISTÓRIA E CULTURAS

1982, p.21). Isso se daria a partir da exibição de códigos, sistemas e sujeitos presentes no universo do jogo, dentro e fora de campo.

Partindo da análise antropológica para a sociológica, também é possível verificarmos que o jogo, cria dentro de sua própria competição um espaço de conflito entre o “eu” e o “outro”, que acirra ou contribui para a construção de identidades distintas dentro do fenômeno. O sociólogo Richard Giulianotti (2010)⁵ nos auxilia a compreender esse aspecto da disputa identitária no futebol através das chamadas “rivalidades” entre clubes específicos e suas respectivas torcidas. Entretanto, essas tensões não são o foco desse artigo.

Daremos ênfase a sujeitos históricos que (re) constroem, a partir de suas memórias, as experiências vivenciadas durante o período no qual atuaram como jogadores de futebol. É fundamental que antes de expor essas narrativas, localizemos em quais categorias e configurações de futebol a pesquisa está situada. Estas categorias, ou matrizes, são classificadas pelo antropólogo Arlei Sander Damo (2003)⁶ da seguinte forma: futebol escolar; futebol de bricolagem; futebol comunitário ou amador; futebol de espetáculo ou profissional. As experiências de José Silvestre da Costa Régis e Francisco Nogueira de Sousa estão, respectivamente, inseridas no futebol amador e profissional em Limoeiro do Norte.

Esse antropólogo utiliza essas matrizes para caracterizar a multiplicidade das práticas, configurações, sentidos e significados que o futebol adquire na sociedade brasileira. Cada uma delas comporta, em si, uma trajetória histórica e uma gama de sujeitos que constroem inúmeras experiências sociais a partir da prática desse jogo. Dessa forma, à luz das memórias sobre futebol desses sujeitos - compreendendo a memória “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p.423)⁷ - a História e o historiador acessam os acontecimentos, relações, significados e sentidos do campo.

A análise das memórias de Zé Régis e Chiquinho, portanto, será fundamental para compreendermos a construção de três diferentes configurações de jogo distintas em Limoeiro do Norte: o futebol de várzea, amador e profissional. Para compreender a primeira configuração, é

⁵ GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

⁶ DAMO, Arlei S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2807>. Acesso em: 13 jul. 2021.

⁷ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Sp Editora da Unicamp, 1990. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

fundamental realizarmos um levantamento de informações acerca da emergência do futebol no território brasileiro entre o final do século XIX e início do XX.

1.1 “O sertão do futebol”: os primeiros chutes que surgem longe dos grandes centros urbanos.

O título deste tópico reflete o nome do livro memorialista publicado por José Silvestre da Costa Régis em 2014.⁸ Nele, o autor afirma que realizou o catálogo de 180 clubes de futebol no município de Limoeiro que estão inseridos em uma temporalidade datada entre 1916 e 2014. Temos o objetivo de esclarecer com essa escolha, como a memória local busca construir um elo de origem coletivo entre a emergência do futebol no Brasil e seus grandes centros urbanos como Limoeiro do Norte.

Notadamente, as primeiras práticas de futebol no Brasil possuem influência da tradição inglesa do jogo. Entretanto, seria precipitado afirmar que a prática do futebol iniciou na Inglaterra. Enquanto a maioria das narrativas memorialistas confirmam a tese da “origem” inglesa do futebol, pesquisas das demais ciências sociais comprovam que outros povos possuíam dentro de suas culturas a prática de uma atividade similar.

O conceito de memória coletiva, trabalhado pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1992)⁹, nos ajuda a compreender como narrativas memorialísticas privilegiam, no que toca aos primeiros momentos da trajetória do futebol no Brasil, sujeitos tidos como “pais fundadores” da prática no país. Essa memória que se busca construir, legitima a atuação de uma elite que teria sido responsável por trazer o elemento “novo”, “moderno” e civilizador, como afirma Fernandes (2010)¹⁰- representado pela bola e o livro de regras do jogo - da Europa para a República recém instaurada. Além disso, localiza temporalmente e espacialmente os indivíduos responsáveis por tal façanha: Charles Miller em 1894, Oscar Cox em 1902, José Silveira em 1904 e Getúlio Rodrigues Chaves no ano de 1916.

Estes indivíduos, em São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Limoeiro do Norte, são elementos integrantes da memória coletiva que envolve o momento inicial da prática esportiva no

⁸ RÉGIS, José Silvestre da Costa. **O sertão do futebol: a cultura secular do futebol limoeirense**. Limoeiro do Norte: Empório da Imagem, 2014. 144 p.

⁹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nsvvsxe> Acesso em: 13 jul. 2021.

¹⁰ FERNANDEZ, Renato L. **Fluminense Foot-Ball Club: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6566/CPDOC2010RenatoLannaFernandez.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 13 de jul. 2021.

HISTÓRIA E CULTURAS

Brasil. Isso não quer dizer que tenham sido efetivamente os pioneiros a realizarem exibições com bola no pé, tendo, portanto, registros que envolvem experiências anteriores a essas protagonizadas por filhos da elite, Pinto (2007)¹¹.

Tratando mais especificamente de José Silveira e Getúlio Rodrigues Chaves, podemos afirmar que o primeiro, de acordo com o historiador Airton de Farias (2014)¹², era filho de portugueses e membro da elite fortalezense que estudava fora do país, na Suíça. É considerado pela memória coletiva a figura que “trouxe” o futebol para o Estado do Ceará, ao realizar no segundo plano do Passeio Público, em Fortaleza, um *match* de exibição envolvendo dois times.

conta-se que foi um frisson na cidade, comparecendo a “nata da “sociedade cearense” para prestigiar o esporte bretão. Os ingleses ganharam por 2 x 0, mas os rapazes locais não decepcionaram, afinal, muitos jogavam o tal football pela primeira vez, e o que importava ali era o esporte sobretudo como lazer. (FARIAS, 2014, p.23)

Enquanto isso, Getúlio Rodrigues Chaves, membro da família Chaves - como aponta Andrade (2008)¹³, uma das famílias mais influentes na cidade de Limoeiro - de acordo com Régis (2014) teria sido responsável por fundar o primeiro time de futebol em Limoeiro do Norte, no ano de 1916: o Adamastor Futebol Clube. Este teria como sede e praça de esportes Limoeiro do Norte, e apresentava os seguintes jogadores em seu quadro de atuação: Getúlio Chaves (fundador); Gilmar Chagas; Caracas, Chiquinho, André, Ildefonso, Rapadura, Antônio Lage, Gonzaga, Quincó, Zé Pedro e Eudálio Rebouças.

José Silvestre da Costa Régis constrói seu livro e a trajetória desses times com base na realização de entrevistas com informantes, com os próprios ex-jogadores, membros de diretoria ou geralmente pessoas próximas aos integrantes, visto que muitos deles já haviam falecido ou não poderiam fornecer as informações por algum outro motivo. Neste sentido, identificamos que Meton Maia e Silva é o responsável por repassar as informações relacionadas ao Adamastor Futebol Clube.

É importante que aqui se estabeleça de forma clara que não estamos tomando o relato memorialístico como uma verdade absoluta, mas sim, como uma construção da memória em torno da prática do futebol em Limoeiro. É possível verificarmos que essa memória está diretamente imbricada com a formação de uma memória coletiva que circunscreve os primeiros anos do *football*

¹¹ PINTO, Rodrigo M. S. **Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em fortaleza (1904-1945)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3065/1/2007_dis_rmspinto.pdf Acesso em: 13 jul. 2021.

¹² FARIAS, Airton de. **Ceará: uma história de paixão e glória**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2005.

¹³ ANDRADE, Maria Lucelia de. **Filhas de Eva como Anjos sobre a Terra: a pia união das filhas de maria em limoeiro do norte-ce (1915-1945)**. 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3387> . Acesso em: 25 mar. 2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

em outros centros do Brasil devido a própria menção que Zé Régis realizou no seu livro a respeito de Charles Miller e Oscar Cox:

O futebol foi introduzido no Brasil em 1894 por Charles Miller, com o incentivo da colônia inglesa. Charles William Miller natural de São Paulo, estudante na Inglaterra, lá iniciou a prática do futebol ...Foi o primeiro brasileiro a se tornar verdadeiramente futebolista e o primeiro a trazer para o Brasil o uso da bola da chuteira e demais apetrechos desse esporte... A partir de 1896 o futebol carioca começava a ser incentivado por jovens ligados à colônia inglesa liderados por Oscar Cox. E em 1901, com as primeiras partidas entre paulistas e cariocas, aparecia o verdadeiro espírito de organização. (RÉGIS, 2014, p.8)

Compreendemos a partir desta citação como a memória coletiva se fortalece na medida em que é reproduzida dentro de um grupo, ao qual Le Goff (1990) denomina como “guardiões da Memória”. A construção memorialística da atuação e importância de sujeitos fundadores do futebol no país, em suas respectivas cidades, auxiliam na compreensão da manutenção de sua prática restrita aos grupos populacionais abastados. Se configurou, dessa forma, como um elemento de distinção social entre esses e a classe pobre durante os anos finais do século XIX e as duas primeiras décadas do Século XX.

Isso não impediu que uma apropriação recorrente do esporte pelas classes populares acontecesse. Casos de clubes operários como o Ferroviário em Fortaleza, como aponta o Historiador Rodrigo Pinto (2007), e Bangu no Rio de Janeiro, assumem destaque na historiografia nacional. Além disso, segundo Guterman (2009)¹⁴ a presença de jogadores negros como integrantes cada vez mais presentes em elencos futebolísticos, a exemplo do Clube de Regatas Vasco da Gama na década de 20, é outro ponto que consolidou a atuação e busca pela prática futebolística no interior de grupos sociais menos favorecidos economicamente.

Essa popularização do jogo está representada por um aumento da formação de times e clubes que não atendem necessariamente aos perfis elitistas. Através do livro de José Silvestre da Costa Régis, podemos constatar um aumento significativo dos times¹⁵ formados no município durante a década de 1930. Nesta análise, identificamos algumas características formativas interessantes e que merecem ser expostas. No intervalo temporal de 1932 a 1942, estão registradas dezessete equipes de futebol. Destas, nove foram pertencentes a comunidades do município: Popular Futebol Clube, (Arraial); Esporte Clube (Arraial); Cearazinho Futebol Clube (Espinho); Paraná Esporte Clube (Arraial); Caraúbas Futebol Clube (Socorro); Santa Cruz Futebol Clube (Bom

¹⁴ GUTERMAN, Marcos. **O Futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/1ee8v5>. Acesso em: 13 jul. 2021.

¹⁵ É importante notar que no livro não há a diferenciação entre “clube” - que conta com diretoria, estatuto ou sede- e “time”- apenas um conjunto de pessoas reunidas para jogar. Na memória analisada essas duas nomenclaturas confundem-se.

HISTÓRIA E CULTURAS

Fim); Ceará Futebol Clube (Água Branca); Paranazinho Futebol Clube (Arraial); Palestra Futebol Clube (Arraial) e Sociedade Esportiva Riachuelo (Bom Fim).

Destacaram-se a comunidade de Arraial, com 5 equipes e Bom Fim com 2. Embora esses registros possam não abrigar a totalidade de equipes formadas nessa temporalidade, indicam uma maior capilaridade da prática futebolística no município, o que pode ter sido uma das justificativas apontadas para a criação da Liga Desportiva de Limoeiro do Norte (LDLN) em 1947.

2. Espaços de jogo, sujeitos, movimentações e instituições: a construção do futebol amador em Limoeiro do Norte.

Para iniciar a discussão do tópico proposto é fundamental esclarecer, de antemão, duas categorias e configurações distintas do jogo com as quais trabalharemos: a matriz bricolada e matriz comunitária. Compreendemos que a primeira categoria, definida por Damo (2003) se adequa à trajetória inicial do futebol em Limoeiro do Norte por conter, em si, um espaço maior para adaptações e movimentações, sejam elas de quais tipos forem. O antropólogo Arlei Sander Damo define a matriz bricolada da seguinte forma:

Esta é a configuração que admite as mais diversas possibilidades de adaptações em relação às normas da Internacional Board - comitê que detém o monopólio legítimo sobre as regras do football association, oficialmente adotado pela FIFA -, desde que mantido o “átomo futebolístico” anteriormente mencionado. Se considerarmos que estas adaptações são ilimitadas e observadas em quase todos os contextos socioculturais nos quais o futebol é praticado, poder-se-ia denominá-lo de improviso. Mas o termo bricolagem me parece mais condizente, pois a noção de improviso sugere a idéia de carência e impropriedade. Uma pelada não é incompleta porque só há três jogadores para cada equipe ou porque jogam descalços. Pelo contrário, é esta bricolagem que caracteriza as peladas: joga-se com o que se dispõem ou então inventa-se, quer sejam as regras ou os recursos materiais. O que caracteriza esta configuração futebolística é a sujeição do football association aos contornos locais, ao espaço, tempo, material, enfim, aos contornos físicos, psíquicos e sociais dos praticantes. (DAMO, 2003, p. 140)

Seguindo esses preceitos, identificamos temporalmente essa configuração presente em Limoeiro do Norte entre a década de 1910 e segunda metade de 1940. Os motivos que delimitam essa interpretação consistem em três principais: a instabilidade dos times e clubes que apreendemos a partir do livro “Sertão do Futebol”, fonte memorialística, durante essa temporalidade, já que a mesma não menciona o período em que o time ficou ativo e atuante, apenas delimita uma temporalidade “inicial” (ano); a movimentação constante de jogadores entre esses times, a exemplo

HISTÓRIA E CULTURAS

de João Domingos¹⁶, que possui seu nome citado em três equipes da comunidade Arraial no período de 2 anos, entre 1932 e 1934 (Popular F.C, Esporte Clube e Paraná Esporte Clube); e por fim, a ausência de uma entidade reguladora da prática do jogo que exerceria um papel de controlar jogos, campeonatos, assim como inscrições de times e os registros de movimentação de jogadores entre esses.

Já o futebol amador, configuração do jogo amplamente difundida no Brasil ao longo do século XX, é onde compreendemos que está inserida a experiência de nosso primeiro entrevistado: José Silvestre da Costa Régis. Entretanto, cabe mencionar que as configurações bricolada, amadora e profissional não são fechadas. Uma exerce influência sobre a outra de diversas formas, de modo que há uma rede de conexões, simbólicas ou não, estabelecidas entre elas. Utilizamos novamente a definição dada por Damo para analisar a construção dessa configuração amadora em Limoeiro do Norte a partir da experiência de Zé Régis,

Entre o profissional e o bricoleur existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia dos campos oficiais e tampouco circunscritos a uma edificação que dá ao espaço uma conotação sagrada - caso dos estádios, por exemplo. Talvez o que melhor caracterize este futebol intermediário - em boa parte do Brasil, ao menos de São Paulo em direção ao Sul é chamado de futebol de várzea - é a presença de quase todos os componentes do futebol profissional, porém diferindo em escala. Em alguns casos as federações estaduais - conectadas à estrutura da FIFA - organizam eventos que congregam a elite destes clubes, mas prevalece, sobretudo, a organização de competições em circuitos locais - bairros, cidades, dependendo das circunstâncias. (DAMO, 2003, p.142)

É possível notar, portanto, que a matriz amadora conta com instituições que regulam e disciplinam a prática do futebol inserida nessa configuração. É neste sentido que identificamos uma “segunda trajetória” de futebol em Limoeiro do Norte. Ao falar disso, afirmamos que a matriz bricolada não parou de existir. Pelo contrário, sofreu modificações ao longo do século XX e XXI, e consiste atualmente em uma das práticas mais difundidas no município, congregando também jogadores amadores, e obtendo novos espaços como quadras e campos de futebol society.

Como entidade reguladora da prática futebolística amadora no município, foi criada, em 1947, a Liga Desportiva de Limoeiro do Norte. Todavia, sua criação e seus objetivos não significaram necessariamente um impacto imediato. Há indícios que mostram a afirmação de campeonatos regulares organizados pela LDLN apenas a partir da década de 1970. O que nos permite fazer alguns questionamentos: o por que de tamanho intervalo? Apesar desse intervalo

¹⁶ Embora não tenhamos disponíveis fontes que apontem para tal, é possível que por circular em times da comunidade com frequência, João Domingos fosse morador de lá.

HISTÓRIA E CULTURAS

houve algum outro campeonato disputado? Quem ou quais clubes e times tomaram a iniciativa de criação de uma liga?

Para tentar respondê-las, é crucial olharmos para a fonte oral entendendo que seu uso requer algumas particularidades e cuidados, como afirma Freitas (2006)¹⁷ ao dizer que “Nessa modalidade de trabalho, corremos o risco de gravar memórias confusas e debilitadas, pois na velhice pode ocorrer nas pessoas o fenômeno da senilidade com perda ou descontrole da memória.” (FREITAS, 2006, p.85)

2.1 “Campos de areia”: a memória que (re) constrói o jogo, experiências e significados

O protagonismo assumido pelos jogadores de futebol na sua entrada em campo é o que utilizamos de analogia para a “entrada”, neste momento, das memórias de José Silvestre da Costa Régis. Entrevistado no dia 10 de outubro de 2019, pela manhã, na calçada de sua casa no bairro Populares, no auge de seus 82 anos. Zé Régis, como é conhecido popularmente, nasceu na comunidade do Sapé em Limoeiro do Norte, no dia 25 de abril de 1937. Formou-se em Pedagogia e Letras pela Universidade Estadual do Ceará, sendo atualmente membro da Academia Limoeirense de Letras, e por isso ganha a alcunha de professor Zé Régis. É tratado como uma figura de destaque na sociedade limoeirense, como podemos ver a partir de uma reportagem publicada¹⁸ pela TV Jaguar¹⁹ na qual foi realizada a cobertura de seu aniversário de 80 anos:

A comemoração alusiva aos 80 anos de vida do professor, poeta e escritor José Silvestre da Costa Régis, popularmente conhecido como Zé Régis aconteceu na noite de sábado, 29 de abril de 2017, na residência de um dos filhos do aniversariante...Régis também expressou alegria por está celebrando o momento ao lado de seus familiares após ter passado por grandes dificuldades ao longo de toda sua vida... Sempre objetivando alcançar sonhos e planos por ele traçados, tendo ele, tido a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento do município, seja na política, na educação, no desporto, bem como ações voltadas para a religiosidade e para a caridade na igreja da qual faz parte.(TV JAGUAR, 2 de maio de 2017).

A escolha de entrevistar Zé Régis se deu tanto por suas produções literárias com a temática do futebol em Limoeiro do Norte, quanto por sua trajetória desportiva, marcada por um transito

¹⁷ FREITAS, Sônia M. de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006. Disponível em: <http://www.memoria-historia.com.br/artigos%20e%20textos/historia-oral.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

¹⁸ Disponível em: <http://www.tvjaguar.com.br/noticia/3497/Fam%C3%ADlia-R%C3%A9gis-celebrou-os-80-anos-de-vida-do-patriarca-Professor-Z%C3%A9-R%C3%A9gis.html> acesso em 23.03.2022, às 20:10

¹⁹ Portal informativo que cobre os acontecimentos na região do Vale do Jaguaribe.

HISTÓRIA E CULTURAS

entre a atuação como jogador, diretor de clube e ex-presidente da LDLN. Sobre sua trajetória futebolística, o ex-jogador revela estruturas físicas e simbólicas que marcam suas passagens pelos clubes do município.

A experiência de Zé Régis como praticante do futebol, está situada em um período de transição, da matriz bricolada para a amadora, por parte de alguns dos times do município. Através de sua memória, ele (re) constrói em sua entrevista o período em que deu seus primeiros chutes, esclarecendo que sua trajetória de vida se funde com sua trajetória no futebol:

Eu... Minha trajetória de vida vou falar de vida sobre o futebol. Eu comecei a jogar em 1953, eu nasci em 37, em 53 eu tinha 15 anos... Em 53 lá no Sertanejo lá da Faceira, aí em 59 eu entrei para o Caxias... Quando foi em 60, em 1960 houve a cheia do Orós, quebrou, as águas invadiram tudo, levou os dois estádios que tinha em Limoeiro, o Duque de Caxias e o estádio do Paysandu aquele ali perto do cemitério... Então como não havia mais condição de praticar o futebol na época dentro da cidade, os melhores jogadores do esporte que era João Régis, Caveco, Lourival, Celso e outros foram jogar no Caxias aí fortificou o Caxias e nessa época do Caxias de 1960, 1961, o Caxias tava numa fase muito boa, tinha os 5 Zé na linha e ... E eu jogando pelo Caxias, nós jogávamos com o Palmeira, tive a oportunidade de fazer gol, fiz 5 ... Nós ganhamos 5 jogos seguidos do Palmeira o Caxias e todos os jogos eu fiz gol... Eu... Eu era pé direito, jogava pela direita, mas pela esquerda eu jogava melhor que pela direita.(RÉGIS, Limoeiro do Norte, 10 de out. de 2019).

Neste trecho de sua fala, o entrevistado aponta o primeiro time do qual fez parte: o Sertanejo, da comunidade Faceira em Limoeiro do Norte, com origem datada de 1953. Em seu livro, Régis (2014) aponta que posteriormente o time recebeu o nome de América. Há, no entanto, um fato que não pode passar despercebido em sua passagem pelo Sertanejo: o tempo em que permanece no time. Em uma estrutura marcada pela instabilidade na duração dos times e pela constante movimentação de jogadores para jogar em novas equipes que iam se formando, com casos como o do citado João Domingos, José Silvestre da Costa Régis permanece por seis anos no mesmo time, trocando o Sertanejo pelo Caxias – clube fundado em 1945 - apenas em 1959. Na entrevista não foram citados os motivos dessa permanência, porém, uma das hipóteses que formulamos para pensar o porquê dessa estabilidade pode se dar, por um lado, pela proximidade na época referida entre sua casa e a comunidade na qual o time jogava, além disso, pela dificuldade de realizar constantes deslocamentos para integrar as equipes que realizavam seus jogos na cidade.

Neste período relatado por Zé Régis, apesar da criação da Liga Desportiva de Limoeiro do Norte em 1947, só está registrado pela entidade um campeonato no ano de 1956, cujo campeão foi o Esporte Clube Limoeiro, fundado em 1942. Este clube terá sua importância analisada quando

HISTÓRIA E CULTURAS

discutirmos a próxima matriz: o futebol de espetáculo ou profissional. Além do campeonato de 1956, há registros de três anteriores: 1947, no qual o campeão foi o Jaguaribe²⁰; 1948, conquistado pelo Palestra da comunidade Arraial e 1951, que teve como campeão o Paissandu. Quanto ao Paissandu, ao cruzarmos a fonte da LDLN com o livro memorialístico de Zé Régis, notamos um choque de informações, pois nele a criação do Paissandu está mencionada no ano de 1952, enquanto a Liga menciona o campeonato conquistado em 1951.

José Silvestre da Costa Régis não menciona quando parou de atuar como jogador, mas cita que os jogos eram praticados geralmente nos fins de semana ou em feriados. Esses jogos no fim de semana, portanto, estavam inseridos dentro da estrutura do lazer no município. Entre o futebol bricolado e a matriz amadora, se matinha, dessa forma, o tempo social do não trabalho (Damo, 2003).

Além do tempo destinado a prática do futebol, outra estrutura presente constitui-se nos espaços que eram preenchidos pela movimentação dos corpos sertanejos e citadinos em torno da bola por parte dos jogadores, e em torno da “várzea”, por aqueles que assistiam a peleja: os campos de jogo. De acordo com Zé Régis, as estruturas dos estádios de futebol presentes nos grandes centros urbanos não se configuravam como realidade no interior, pelo contrário, ele menciona “...não existia campos, gramados, era na poeira, eu... eu joguei, comecei com o sertanejo de João Caboclo lá na faceira, num campo de areia...”. Essa estrutura, o campo de areia, também se fez presente como “tática” ou estratégia de uma equipe adversária durante uma excursão para Jaguaruana feita pelo time Palmeiras do Arraial (nome que veio ganhar o Palestra em 1952) e relatada pelo memorialista, na qual, jogando por esse time, se deparou com outro campo de areia:

aconteceu que eu jogando pelo palmeiras, nós fomos jogar em Jaguaruana e fizeram, botaram areia no campo, areia de rio mesmo, botaram propositalmente pra não fazer gramado e fizeram de areia, nesse dia eu tava por sorte minha, botaram na meia esquerda, que a meia esquerda é o lugar que o atleta joga mais, se tiver futebol da tudo quanto tem. Porque defende ataca e tudo. Eu me lembro que o Palmeira nesse areial frouxo todo perdido, ora o palmeira treinava a vida inteira num escavado duro ai chegar num campo de areia meu amigo, Zé Regis todo encontrado. O único que era todo encontrado era eu, pra distribuir essa bola com os jogadores quando batia aculá na frente, já tavam perdidos de novo e tudo. E ainda ganhamo o jogo de um a zero com um gol meu, eu me lembro, eles não tinham nunca jogado no campo de areia, não era eu que fui criado jogando num campo de areia, é aquela coisa cada um usa do que sabe, do que pode. (RÉGIS, Limoeiro do Norte, 10 de out. de 2019).

²⁰ Não encontramos informações a respeito desse time ou clube.

HISTÓRIA E CULTURAS

Embora não tenhamos mais dados sobre essa partida, o que realmente importa não é a atuação do jogador, o resultado ou a performance dos dois times. É a presença na memória, de forma recorrente, dos campos de areia. Neste espaço singular, que circunscreveu sua experiência futebolística, dentro e fora do município de Limoeiro do Norte, José Silvestre da Costa Régis afirma que “estava encontrado”, ou seja, atribui ao campo de areia significados que compreendem o pertencimento, adaptação e proximidade. Simbolicamente substitui e ganha os mesmos atributos da casa ou a terra na qual “foi criado jogando num campo de areia”. Os campos de areias, ou de poeira, precedem em Limoeiro do Norte a criação de Estádios com uma estrutura modificada, que viria a estar presente durante a década de 1990 no Estádio José de Oliveira Bandeira (Bandeirão), mas que já fazia parte, como abordam Pinheiro (2013)²¹ e Farias (2014), do cotidiano da cidade de Fortaleza, na esfera do futebol espetáculo, através do Presidente Vargas (PV) e do Estádio Governador Plácido Castelo (Castelão). Compôs no conjunto das relações estabelecidas pelo jogo bricolado e amador, um lugar comum e espaços de experiências entre essas configurações, ocupados por sujeitos que performavam seus corpos longe dos grandes centros urbanos, praticando o futebol em Limoeiro do Norte.

34

2.2 Do amadorismo ao profissional: uma análise comparativa da construção histórica dessas configurações:

A vertente, por assim dizer, amadora do jogo, como já definimos anteriormente no texto, se consolidou no Brasil, durante o final do século XIX e início do século XX, como uma prática restrita aos membros da elite, diferentemente do que acontecia na Inglaterra, onde de acordo com o historiador Marcos Guterman (2009)

A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XIX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como coisa da ralé, ainda mais porque invariavelmente acabava em pancadaria e depredação. Por causa disso, o futebol passou a ser jogado em locais específicos, principalmente nas escolas públicas. Foi a primeira tentativa de uniformizar as regras do jogo, isso por volta de 1850. (GUTERMAN, 2009, p. 16)

A primeira tentativa organizacional a qual o autor se refere foi a criação da *Football Association*, organização que teria sido responsável por formular uma espécie de “regras gerais” do futebol, para uma maior padronização da sua prática. É esse futebol “disciplinado” que está presente na memória coletiva em torno do esporte no Brasil. Com a formação de alguns clubes ligados à elite,

²¹ PINHEIRO, Caio Lucas Morais. "Ato de emancipação?": processo de profissionalização e suas consequências para o futebol cearense. *Revista Colombiana de Sociologia*, Bogotá, v. 36, n. 1, p. 123-137, 1 jun. 2013. Semestral. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/73244?locale-attribute=en> . Acesso em: 13 mar. 2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

começaram a surgir “ligas” e instituições que organizavam a prática amadora como um espaço de convivência onde as relações de classe eram reafirmadas e reproduzidas. Guterman cita um desses códigos que faziam parte do jogo organizado pelas classes mais favorecidas: o uso da gravata.

os pioneiros viam no amadorismo o maior charme do jogo, uma maneira de acentuar o cavalheirismo e a noção de “*fair play*” dos atletas, distinguindo-os daquilo que eles viam como costumes rasteiros da massa de imigrantes iletrados e de ex escravos – e dos próprios operários e desocupados ingleses que haviam criado o futebol. Há bons casos que mostram esse espírito. Num jogo de 1899 entre o Mackenzie e um time formado pela comunidade alemã de São Paulo, o professor Augusto Shaw, organizador do Mackenzie, advertiu um de seus jogadores que ele não poderia entrar em campo se não ajeitasse a gravata. (GUTERMAN, 2009, p.19)

Com a apropriação do esporte por parte das classes populares no país, o aumento de times e clubes constituídos por esses indivíduos tanto em seus quadros atléticos como diretivos, provocou-se um processo disruptivo entre uma classe que interpretava o Futebol além de um instrumento de lazer, como aparelho para reproduzir a superioridade de classe e outra que a partir da formação do jogador-operário, com o pagamento do chamado “bicho”²², o constante aumento de competição entre os times e a inserção de capital industrial para a formação de clubes operários- a exemplo do Ferroviário Atlético Clube, fundado no ano de 1933, em Fortaleza, Pinto (2007)- começou a enxergar o futebol como um meio de ascensão econômica e laborial (PINHEIRO, 2013).

O profissionalismo passa, a partir da década de 30, principalmente através das ações impetradas pelo Governo de Getúlio Vargas, a competir com a configuração amadora. Esse embate estabelece uma série de conflitos, principalmente de classe. No entanto, a estrutura construída com o objetivo de estabilizar de vez a configuração do futebol espetáculo e a profissionalização dos jogadores é identificada no Ceará apenas na década de 1940. Essa tentativa acontece por algumas razões. A primeira delas decorre da má performance realizada por *teams* locais quando enfrentaram equipes como o Palestra Itália, do estado São Paulo e o Bahia, do estado com o mesmo nome.

Para agravar ainda mais a indagação sobre a qualidade dos nossos *players*, dos cinco jogos realizados pelo Bahia em Fortaleza, foram cinco derrotas, uma delas pela elevada contagem de 10x2. Tal situação teve consequências no olhar futuro sobre os times locais, pois, a partir de então, procurou-se compreender e detalhar como o Palestra Itália e o Bahia conseguiram obter tais resultados, como podemos constatar na reportagem “400 contos dispense o Palestra anualmente”... (PINHEIRO, 2013, p. 126).

²² Uma espécie de pagamento informal que os jogadores recebiam por ganharem determinados jogos. No chamado “amadorismo marrom”, segundo Marcos Guterman processo de transição entre o amadorismo e o profissional, era comum o pagamento de “bicho” como uma bonificação além do salário.

HISTÓRIA E CULTURAS

Os motivos citados pelo pesquisador, que foram utilizados como justificativa para o baixo desempenho consistiram na desvantagem que teria uma equipe amadora ao enfrentar profissionais como o Palestra Itália. Ainda de acordo com Pinheiro (2013), o Ferroviário Atlético Clube assumiu a liderança de um movimento rumo ao profissionalismo por ter contratado especificamente um atleta profissional para jogar em seu quadro no ano de 1939.

Dessa forma, nos damos conta que esse processo não significou uma mudança abrupta e radical. Pelo contrário, seria possível encontrar, em uma mesma equipe, jogadores profissionais e amadores. Essa configuração profissional, já presente em outros centros como São Paulo e Rio de Janeiro desde meados da década de 1920, se estabiliza em Fortaleza e vai ser identificada em Limoeiro do Norte apenas na década de 1990. É neste período que localizamos, a partir das memórias do ex-jogador Francisco Nogueira de Sousa, o curto tempo que essa configuração permanece ativa no município e as razões que levaram ao seu fim.

Já o amadorismo, alvo de regulação, padronização e disciplinarização por meio de entidades como a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), futura Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Associação Desportiva Cearense (ADC), que viria a se tornar futuramente a Federação Cearense de Futebol (FCF); e a Liga Desportiva de Limoeiro do Norte, se configurou como uma matriz que permitiu o trânsito por diversas esferas de sua organização.

José Silvestre da Costa, protagonista de diversas movimentações no âmbito desportivo, jogou em campo e fora dele. Além de ter “batido bola” por três equipes (Sertanejo, Caxias e Palmeiras), o mesmo nos confia outro papel que assume no contexto futebolístico limoeirense.

A Liga ela se mantém com uma dificuldade muito grande (...) Precisa sempre da ajuda de políticos, principalmente da secretaria de cultura de Limoeiro do Norte, pra se manter, é uma dificuldade, eu participo das reuniões da liga, porque eu representando o Treze da Gangorra aí vejo a dificuldade econômica, financeira com que o presidente da liga mantém esse campeonato o (...) O campeonato é mantido através dos ingressos, nos jogos quando há aquele jogo mais destacado mais importante, a renda é maior, quando o time não tem uma característica boa, quando o time não é bom e tudo assim, a renda é pequena, é uma dificuldade produzir futebol, manter futebol, clube de futebol em Limoeiro é uma dificuldade muito grande. (RÉGIS, Limoeiro do Norte, 10 de out. de 2019)

Zé Régis, dessa vez longe dos campos, assume o papel de dirigente do Treze de Gangora, outro time comunitário do município, ao participar de reuniões na LDLN. É importante também dizer que o entrevistado assume a presidência da Liga no ano de 1985, como mostra a matéria: “Liga Desportiva de Limoeiro do Norte comemorou seus 69 anos de fundação”²³, publicada pela

²³ Disponível em: <https://www.tvjaguar.com.br/noticia/157/Liga-Desportiva-de-Limoeiro-do-Norte-comemorou-seus-69-anos-de-funda%C3%A7%C3%A3o..html> acesso em 26 de março de 2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

TV Jaguar em 2016. Portanto, na configuração amadora de futebol em Limoeiro, José Silvestre da Costa Régis é um sujeito que circulou entre clubes e intuições como jogador e dirigente, conhecendo as entrelinhas das relações cotidianas estabelecidas no Futebol local e se colocando como uma figura de destaque do município, cuja própria festa de aniversário foi composta por uma cobertura jornalística.

Dessa forma, notamos as relações memorialísticas, históricas, espaciais, culturais e sociais que o Futebol e suas configurações- bricolada e amadora- construídas em Limoeiro do Norte compartilharam com outros centros do País, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza mais especificamente.

Vejamos, a partir de agora, como se estruturou a matriz espetacularizada e profissional do jogo em Limoeiro do Norte, a partir das memórias do ex-jogador profissional Francisco Nogueira de Sousa, conhecido popularmente como “Chiquinho jogador”. No ato de rememorar, chiquinho, assim como Zé Régis, (re) constrói estruturas, emoções, significados e sentidos a partir de sua experiência no Futebol de Espetáculo.

3. “O papa tudo”: experiências, estruturas e mobilizações no Futebol Profissional em Limoeiro do Norte.

Com um campeonato amador local consolidado, principalmente a partir do final da década de 70, organizado pela Liga Desportiva de Limoeiro do Norte²⁴, há a consolidação de uma disputa muito particular entre dois clubes do município: A Sociedade Esportiva Palmeiras do Arraial e o Esporte Clube Limoeiro.



²⁴ Entre os anos de 1957 e 1977 não há registros de campeonatos organizados pela LDLN. Os motivos que levaram a esse intervalo, segundo os relatos colhidos na entrevista com José Silvestre da Costa Régis, são decorrentes dos prejuízos causados por uma cheia na década de 1960, que teria destruído os campos de futebol da cidade. Entretanto, em suas próprias memórias, deixa claro que não houve uma interrupção da prática por parte dos times comunitários.

²⁵ Disponíveis em: <http://ligadesportivadelimoeiro.blogspot.com/p/sociedade-esportiva-palmeiras.html> acesso em: 26 de março de 2022, às 22:33 e https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Limoeiro acesso em: 26 de março de 2022, às 22:37

HISTÓRIA E CULTURAS

Figura 1: Os escudos do Palmeiras e Esporte Clube.

Eles protagonizam uma alternância constante nos títulos de cada temporada do Campeonato Limoeirense. De acordo com os registros da LDLN, consta que de dezoito campeonatos limoeirenses realizados entre 1978 e 1996, a Sociedade Esportiva Palmeiras do Arraial consagrou-se como vencedora em oito temporadas.²⁶ Enquanto isso, o ECL totalizou 5 títulos de campeão. Dessa forma, em treze campeonatos locais, esses dois clubes assumiram um papel de protagonismo.

No entanto, apenas um deles acessou a categoria do futebol espetáculo ou profissional: O Esporte Clube Limoeiro. É dentro desse clube que esteve inserida, nos momentos iniciais de sua trajetória no futebol, a experiência profissional de Chiquinho. Jogador nascido em Limoeiro, teve passagens por clubes como Ferroviário, Fortaleza, Vasco da Gama, Bahia, CRB e Guarani de Sobral.

É fundamental, portanto, novamente com base no trabalho do Antropólogo Arlei Sander Damo (2003), compreendermos como essa matriz futebolística é caracterizada e de que forma a sua estrutura física e simbólica moldou a experiência de Francisco Nogueira de Sousa.

O futebol profissional caracteriza-se por um conjunto de particularidades dentre as quais três delas se destacam. A mais importante, talvez, seja a forma monopolista, globalizada e hierarquicamente organizada através da Federation Internationale de Football Association (FIFA). A FIFA e suas afiliadas – as confederações e abaixo delas as federações nacionais e, em países como o Brasil, estaduais – organizam eventos (campeonatos, torneios, copas, etc.), estabelecem normas para as relações entre os clubes e controlam a circulação dos atletas e de boa parte do comércio das imagens, as principais fontes de receita deste futebol. (DAMO, 2003, p.138).

Embora essa configuração estivesse presente em Limoeiro do Norte durante meados e fim da década de 1990, a análise das fontes disponíveis não revela uma difusão desse modelo por parte dos demais clubes e da LDLN. Isso revela uma diferença entre os processos de profissionalização do interior do Estado e da capital, Fortaleza. O futebol profissional em Fortaleza, como nos mostra Pinheiro (2013), ganhou, na década de 40, força e adesão de clubes como Ceará, Fortaleza e Ferroviário, assim como apoio da Federação Cearense de Futebol, antiga ADC. O que podemos afirmar acerca dessa configuração, é que houve uma captação de jogadores citadinos e comunitários de Limoeiro do Norte, como é o caso de Chiquinho, para a formação do quadro de jogadores que atuavam pelo ECL.

²⁶ Disponível em: <http://ligadesportivadelimoeiro.blogspot.com/p/campeoes.html>, acesso em: 26 de março de 2022, às 22:39.

HISTÓRIA E CULTURAS

Ao analisarmos a definição do antropólogo Arlei Sander Damo, verificamos que há uma hierarquia bem definida no que consta às instâncias reguladoras dessa configuração. No Brasil, a entidade que assume a centralidade das ações reguladoras, tanto na inscrição e movimentação de jogadores profissionais entre os clubes, além da organização dos principais campeonatos nacionais é a Confederação Brasileira de Futebol²⁷. Em uma espécie de segundo plano, estão as Federações Estaduais, como é o caso da FCF. Estas organizam campeonatos estaduais que possibilitam o acesso de times amadores, associados à ligas amadoras locais, ao universo profissional da prática.

É neste quadro de acesso ao profissional, que a trajetória de Chiquinho e do Esporte Clube Limoeiro mudou drasticamente. No ano de 1994, para além do campeonato local do qual saiu como campeão, o clube também conquistou o campeonato estadual da segunda divisão, organizado pela Federação Cearense de Futebol. Dessa forma, além de conseguir o acesso à primeira divisão e ao futebol profissional, o clube ganha, segundo Chiquinho o apelido de

...na época existia o “papa tudo” (risadas). O Esporte Clube Limoeiro, a gente conseguiu as competições que a gente disputou, conseguimos vencer todas né, que foi o limoeirense, teve a copa do vale, que era cada cidade tinha um time, e o Esporte Clube Limoeiro foi campeão em Russas. Teve essa, tipo essa segunda divisão que deu acesso a série A do campeonato cearense, fomos campeões também. E por isso foi dada a logomarca do Esporte, o “papa tudo” daquele ano. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022).

Chiquinho também aponta Copa do Vale como um torneio do qual o clube foi vencedor. Embora não seja o foco da pesquisa, é válido notar como o futebol constrói representações e simbologias de maneira muito específica. Uma das principais, a representação por substituição e exposição de imagem, é assumida por times e clubes que apresentam-se como representantes de países, municípios ou até mesmo bairros e comunidades. Sandra Pesavento (2003)²⁸ afirma que essas formas de representação constroem o cotidiano das relações de forma muito complexa, envolvendo a constituição de sentidos, significados e códigos bem definidos que precisam ser entendidos por quem os recebe para que a representação tenha sucesso ao ser interpretada da forma que o anunciante quer.

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e

²⁷ Entidade fundada a partir do desmembramento da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em 1979. É através dessa entidade que são desenvolvidos, dentro da esfera do futebol profissional ou de espetáculo, os mais midiáticos campeonatos nacionais de futebol, a exemplo do Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil. Além disso, é a responsável por representar o Brasil junto a FIFA. Essa representação se dá, na maioria das vezes, pela atuação da Seleção Brasileira de Futebol em campeonatos como a Copa do Mundo, organizada pela FIFA.

²⁸ PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x8ss0> Acesso em: 13 jul. 2021.

HISTÓRIA E CULTURAS

historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo. (PESAVENTO, 2003, p. 41).

As representações construídas dentro do futebol, por exemplo, acabam gerando as denominadas “rivalidades”. O sociólogo Richard Giulianotti (2010) nos ajuda a compreender dois aspectos que intensificam essas tensões e conflitos no jogo: Identidades e proximidade espacial. “Da mesma maneira, os clubes de futebol estabelecem identidades culturais por meio da rivalidade e da oposição. As mais puras rivalidades crescem entre clãs municipais.”, (GIULIANOTTI, 2010, p.26)

Francisco Nogueira de Sousa confirma essa tese defendida pelo pesquisador na medida em que relatou, na sua entrevista, que essas rivalidades eram notadas em confrontos de alguns times no município de Limoeiro do Norte e na configuração do futebol amador, não sendo portanto, uma característica restrita à estrutura do futebol profissional.

É a rivalidade é grande entre São Raimundo e Palmeiras, são duas comunidades muito próximas e sempre fizeram bons times, todas duas equipes, é... Eu presenciei muito, tive o prazer de jogar né como eu falei, pelo São Raimundo também contra o Palmeiras, foram jogos muito bons, porque sempre os melhores jogos são os clássicos né, como existia o Esporte... Esporte Clube Limoeiro e Palmeiras, Esporte Clube e São Raimundo, era muito... os melhores jogos que tinha que fazer e a rivalidade... é uma rivalidade saudável. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022)

3.1 “Da escolinha aos campos”: A experiência profissional no Esporte Clube Limoeiro.

De acordo com Thompson (1981)²⁹, a partir de sua experiência empírica o indivíduo constrói significados, sentidos e representações que a envolvem. É a partir desse conceito chave de experiência desenvolvido por Thompson, que analisamos as memórias de Chiquinho e a maneira como estas se apresentam. São nelas que estão muito bem demarcados o início e o fim de sua trajetória no futebol profissional.

Natural de Limoeiro do Norte, nascido no ano de 1975 em uma família de nove filhos, cujo pai era operário industrial e a mãe fazia trabalhos domésticos, morava na comunidade da Serra,

²⁹ THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1981. Tradução de Waltensir Dutra. Disponível em: https://www.academia.edu/29833949/A_MISERIA_DA_TEORIA_ou_um_planet%C3%A1rio_de_erros_uma_crítica_ao_pensamento_de_Althusser. Acesso em: 11 fev. 2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

distante do centro da cidade. Chiquinho nos apresentou que sua trajetória no futebol começou muito cedo, aos doze anos, em uma escolinha de futebol que existia no Município:

...minha carreira eu comecei aqui como na escolinha do Esporte Clube Limoeiro, na época De Assis era o presidente. Aos 12 anos eu vindo da comunidade daqui de cima da Serra e chegando aqui eu entrei na escolinha do De Assis. Passei praticamente oito anos desde que eu cheguei aqui na escolinha e me profissionalizei no Esporte disputando campeonato limoeirense e outras competições intermunicipais pelo Esporte. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022).

A experiência nas escolinhas de futebol são compartilhadas por muitos jogadores que chegam ao circuito de atuação profissional do jogo. São uma espécie de fase inicial, que busca, além da maturação do atleta nos quesitos estratégicos do jogo, o desenvolvimento de uma disciplinarização que modifica fisicamente o corpo, tornando-o mais resistente para realizar com mais regularidade performances que sejam consideradas boas, Damo (2003). É a partir dessas atuações iniciais nas escolinhas, juntamente com o andamento da idade, que o sujeito-atleta atravessa níveis de jogo distintos dentro da “categoria de base”³⁰ (como são popularmente conhecidas as escolinhas). Portanto, as escolinhas, assim como a frequentada por Francisco Nogueira de Sousa, constituem-se como a base inicial da maioria de jogadores profissionais.

Chiquinho relata que essa estrutura existia em Limoeiro no final dos anos 80, mais precisamente 1987, quando começou a frequentá-la. Também falou em sua entrevista, de quem comandava, por assim dizer, as escolinhas: “de Assis”. E que ganha contornos de uma figura fundamental na trajetória do jogador por estar diretamente envolvido com o início e posterior desenvolvimento da sua carreira. Francisco de Assis Gurgel de Freitas, ou simplesmente “de Assis”, foi presidente do Esporte Clube Limoeiro entre os anos de 1984 a 1993; 1998 a 2001 e 2016 a 2017. Portanto é uma figura de destaque e importância no clube, principalmente durante as duas últimas décadas do século XX. Período no qual um de seus mandatos está entre o auge, em 1995 – profissionalização- e o declínio – declaração de falência- no ano 2000.

Segundo Chiquinho, sua trajetória no Esporte Clube Limoeiro desde que chegou às escolinhas, dura de 1987 a 1996. É neste clube que constrói sua única passagem profissional – iniciada em 1995 ao jogar a primeira divisão do campeonato cearense - por um clube em Limoeiro do Norte, pois, como dissemos anteriormente, não foi uma categoria acessada por outro clube no município.

³⁰ Geralmente possuem subdivisões que levam em conta principalmente a idade, contado com os chamados sub-9, sub-11, sub-15 e sub-20 por exemplo, que costuma ser a última etapa da categoria de base. Após passar por ela, o atleta entra no profissional se realmente quiser seguir a carreira.

HISTÓRIA E CULTURAS

O futebol profissional, para Chiquinho, significou uma mudança de vida em diversos níveis. De acordo com ele, sua família, principalmente seu pai e seus irmãos que também jogavam, o apoiavam para praticar futebol mesmo não tendo expectativa da chegada ao nível profissional. Quem não tinha tanto “apreço” pela bola era sua mãe, “porque eu ficava... passava o dia todin batendo bola na parede e ela reclamava (risadas) né, mas meu pai meus irmãos eram jogadores né, não profissionais também né”, (SOUSA, 2022). Entretanto, ao alcançar essa esfera, “e ... quando me profissionalizei o apoio foi maior ainda. Minha mãe passou a gostar! (risadas) né e eu pude dar o pouco, de conforto pra minha família também né, e eu só tenho a agradecer.”, (SOUSA, 2022).

Fica evidente nesta narrativa, a oportunidade de ascensão econômica e social que o profissionalismo proporcionava aos indivíduos das classes pobres, como aponta Astruc (2021)³¹ ao se referir, por exemplo, a jogadores como Manoel Francisco dos Santos, o Garrincha.

Chiquinho, relembra que não havia, ou não tinha conhecimento, até 1994, de um campeonato cearense que desse acesso à divisão profissional. Mas que, segundo ele, por meio de um convite do presidente da Federação Cearense ao Esporte Clube Limoeiro, que havia tido destaque por suas atuações na temporada, foi possível participar do certame estadual da segunda divisão naquele ano.

Não existia segunda divisão do campeonato cearense. Houve esse convite do... da Federação pro Esporte participar dessa segunda divisão e o campeão e o vice dava acesso. E alguns jogadores já... já tinha disputado competição profissional como Paulinho Limoeiro e outros também e.. foi uma competição onde o Esporte valorizou muito para que a gente pudesse chegar lá e ser campeão. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022)

Entretanto, nos registros de competições disponibilizado pela Federação Cearense de Futebol, há fontes que mostram a realização desse tipo de campeonato no ano de 1966, que teve como campeão o Guarany Sporting Club. Entretanto, depois da edição realizada em 1969 houve um hiato, em que não há registros de sua realização até o ano de 1994, portanto 24 anos. É fundamental deixar claro, portanto que apesar da fonte oral se constituir como a principal do trabalho, esta não pode ser a única, pois de acordo com Sônia Maria de Freitas (2006), há o risco do historiador considerar a memória apresentada como verdade absoluta, deixando de problematizá-la a luz dos fatos apresentados. Para isso, o cruzamento de informações entre o documento oral e outros tipos de fontes é obrigatório.

³¹ AUSTRUC, Clément. O futebol como profissão: origem, ascensão social e o mundo do trabalho dos futebolistas brasileiros (1950-1980). In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; FONTES, Paulo (org.). **Futebol e mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2021. Cap. 6. p. 185-208.

HISTÓRIA E CULTURAS

O título do campeonato estadual da Segunda divisão em 1994, para o ex-lateral, também significou um novo desafio para ele e o clube: A adaptação ao futebol de espetáculo ou profissional.

3.1.2 “Nunca um time na cidade tinha se profissionalizado”: Regulamentos, estádio e torcida no futebol espetáculo.

Perguntamos ao Chiquinho se a chegada ao futebol profissional foi um choque para ele e seus companheiros de clube. Eles respondeu que não. Pois segundo o ex jogador “Não foi porque era... como se diz uma coisa que o Esporte vinha planejando a muito tempo, em tentar colocar uma equipe profissional daqui de Limoeiro no campeonato cearense. E já entrou nesse intuito em 94.”, (SOUSA, 2022).

Entretanto, mesmo com esse planejamento relatado por Francisco Nogueira de Sousa, ele reproduz em seu depoimento que o clube não tinha condições de arcar com as mudanças que teriam que ser feitas, propostas no regulamento da competição, a nível estrutural principalmente, para que o Esporte Clube Limoeiro fosse aceito na primeira divisão do campeonato cearense em 1995. Ou seja, não bastava simplesmente ganhar o campeonato de acesso para fazer parte do futebol profissional. Mudanças estruturais ocorreram em Fortaleza para consolidar a dimensão do futebol espetacularizado e sua segregação frente ao amador.

O processo de consolidação do profissionalismo e a sua segregação das competições e dos clubes amadores em Fortaleza vai percorrer a década de 1940 com a presença de todas essas questões. A qualificação técnica dos jogadores, as inúmeras contratações e o capital dispendido nessa nova fase do futebol cearense trouxeram também outras questões que foram polemizadas nos jornais, como a disciplina, a valorização dos jogadores de nossos estados e o exagero no valor destinado ao salário e as aquisições dos *cracks*, transformações essas que direcionavam a prática esportiva à mercantilização. (PINHEIRO, 2013, p.136)

Neste sentido, Chiquinho falou de um dos quesitos que o clube teve que cumprir, para se adequar ao regulamento da competição e ser aceito na primeira divisão do campeonato: a modificação do estádio Bandeirão. Localizado próximo ao centro da cidade, era nele onde clube realizava seus jogos. Essas modificações a serem feitas, como a construção da arquibanca para o público, contaram com o apoio da população de Limoeiro do Norte, que estava entusiasmada com a posição que o time tinha alcançado no futebol.

Mas só ia entrar na primeira divisão se o estádio oferecesse condições para que houvesse jogos aqui né. Com isso a população se mobilizou, é... o estádio ali, a arquibancada foram praticamente a população de Limoeiro que fazendo cotinha, comprando cimento, ferro, que fez aquela arquibancada ali pra que isso acontecesse. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022).

HISTÓRIA E CULTURAS

É neste Bandeirão reformulado com a mobilização popular de acordo com os códigos e normas do futebol de espetáculo organizado pela FCF, que Chiquinho vivencia seus dois primeiros anos de jogador profissional antes de sair do ECL no ano de 1996, quando foi contratado por empréstimo pelo Ferroviário Atlético Clube, de Fortaleza.

Figura 2: Foto de 2016 do Estádio José de Oliveira Bandeira (Bandeirão)



Disponível em: https://futebolcearense.com.br/2020/noticia_ver.asp?id=6890, acesso em 26 de março de 2022.

A memória que aborda a reformulação do Estádio e a construção das arquibancadas provoca a felicidade de Chiquinho ao lembrar das sensações e sentimentos que o tomavam ao ver pelas primeiras vezes o Estádio Lotado. Inclusive, Francisco Nogueira de Sousa falou de um forma peculiar, utilizada por aqueles torcedores que não conseguiam ingresso, de ver o jogo.

E no primeiro ano era show! Estádio lotado! Eu lembro que na arquibancada era capacidade, não sei se pra três mil pessoas, quatro mil pessoas e ao redor do estádio eram colocados caminhões pra os torcedores subir nos caminhões e assistir os jogos. Lotava arquibancada e ainda era alugado os caminhões pro público assistir em cima. Foi muito marcante no primeiro ano. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022)

Essa memória, nos auxilia a compreender o aumento do processo de mercantilização do jogo, decorrente da renda necessária para manter a estrutura profissional de futebol. Ao ser perguntado pela diferença de atuar no Bandeirão para estádios como Castelão (Fortaleza) Maracanã (Rio de Janeiro), Pacaembu (São Paulo) e Mineirão (Belo Horizonte), Chiquinho respondeu que:

É diferente, mas...como no início eu nunca tinha jogado em estadio cheio e me profissionalizei aqui (risos) a dimensão também da dificuldade era praticamente a mesma, porque no início aqui o Bandeirão cheio, você já ficava nervoso, é a mesma coisa de você ir prum Maracanã, mas ali eu já tava mais rodado, já tinha um pouco mais de experiência,

HISTÓRIA E CULTURAS

não sentia tanto. Mas no início aqui no Esporte, eu acho que eu senti mais dificuldade. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022).

Após jogar por dois anos profissionalmente pelo Esporte Clube Limoeiro, 1995 e 1996, Chiquinho deixa o clube rumo ao Ferroviário Atlético Clube, ao qual foi inicialmente emprestado e em 1997 comprado por dez mil reais, de forma definitiva. O Esporte Clube Limoeiro, já sem Chiquinho em seu quadro de jogadores, continuou sua trajetória no futebol profissional e chegou a disputar inclusive a série C do campeonato nacional, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol no ano de 1998, como mostra a reportagem da revista Placar em 1999 intitulada “O expresso da esperança”:

“Para vestir a camisa do Esporte Clube Limoeiro o jogador precisa antes de tudo ser um forte. Do contrário ninguém sobreviveria a uma viagem de dezessete horas dentro de um ônibus e, depois, enfrentaria um jogo de futebol... Para disputar a série C do Brasileiro, a popular terceira, os jogadores enfrentaram 1 300 quilômetros de estrada até Aracaju, no Sergipe. Perderam o jogo (2x1 para o Confiança, dia 24 de outubro), mas mesmo assim se classificaram. Na primeira partida haviam vencido por 3x1. “Apesar dos 1300 quilômetros de volta, valeu”, conta o capitão Paulinho Limoeiro, 27 anos. “Fomos recebidos como heróis, com uma carreta de trezentos carros e duas mil pessoas”. (PLACAR, 1999, p.92)

Apesar dessa reportagem e da campanha razoável do clube, na qual conquistou o sétimo lugar na competição que teve sessenta e seis clubes participantes, o Clube enfrentou dificuldades financeiras e acabou decretando falência em 2000.³²

3.2 “Fim de jogo”: a rotina profissional e a aposentadoria.

Chiquinho não esquece do que marcou significativamente sua carreira como jogador profissional. Para ele, a rotina profissional e amadora não andam lado a lado. Longe da família, dos amigos e da terra natal, o ex-jogador classifica sua rotina na experiência profissional como

A rotina é totalmente diferente. A rotina de profissional você treina de manhã é... vai pra casa, descansa pra treinar a tarde. A rotina é pesada, é cansativa porque são muitos treinos, treinos físicos, é... academias né e no amador não, cê treinava uma vez por semana, fazia um coletivo na sexta pra ir jogar no domingo. E o profissional é totalmente diferente. Alimentação tem que ser uma alimentação um pouco mais adequada, porque você não pode tá acima do peso nem abaixo do peso também né... tem todo um aparato pra que a gente possa, nos jogos a gente tá... tá bem. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022).

³² Disponível em: https://www.bolanaarea.com/serie_c_1998.htm, acesso em 26 de março, às 22:54.

HISTÓRIA E CULTURAS

Tendo como base a experiência de Francisco Nogueira de Sousa e a pesquisa de Arlei Sander Damo (2003), identificamos mecanismos de controle e estruturas disciplinadoras, principalmente do corpo do atleta no futebol de espetáculo que não estão, ou se encontram de maneira menos explícitas, no futebol amador.

Chiquinho diz que o caminho até encerrar a carreira foi marcado por inúmeras dificuldades, dentre as quais ele destaca principalmente nos anos iniciais, a distância da família, dificuldades financeiras e a dificuldade de adaptação em Fortaleza morando na sede do Ferroviário, até se transferir em 2000 para o Fortaleza Esporte Clube. Foi no “tricolor”³³ que mais se destacou como jogador profissional, ganhando títulos como o Campeonato Cearense da primeira divisão, em 2001 e 2003.

Ficou no Fortaleza de 2000 até 2004, quando se transferiu para o Vasco da Gama por uma temporada. Um paradoxo interessante que Chiquinho relata, consiste em ser torcedor do Clube de Regatas do Flamengo e ter jogado por um dos maiores rivais de seu clube do coração. Mas para ele, por ser profissional, isso não interferia no seu rendimento.

Já era mais experiente, já tinha uma certa idade, já tava com 28 anos né, mas a gente é... como eu falei, profissional. na hora do jogo cê nem sabe se é Flamengo, você quer defender suas cores né, se é o time que você tá torcendo, se não é, você quer defender o time que você tá jogando e pra mim foi um orgulho né. E os 4 jogos que eu fiz contra o Flamengo, ganhei todos os 4 né, torcedor do Flamengo, mas ganhei todos os 4 jogos, dois pelo Fortaleza e dois pelo Vasco da Gama. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022).

Em 2005, após o término de seu contrato com o Vasco, Chiquinho retorna ao Fortaleza para encerrar sua passagem no clube. Neste período ele relata que já convivia com dores muito fortes e lesões constantes nos tornozelos e que estas o tiveram ter uma carreira mais curta do que podia. Teve passagens ainda por clubes como Bahia, CRB e Guarani de Sobral, onde em 2009 foi novamente campeão da segunda divisão do campeonato cearense. Encerrou a carreira no futebol profissional em 2010, quando retorna ao Esporte Clube Limoeiro, já reestruturado após declarar falência em 2000. Mas, diferentemente do que podemos pensar, as lesões não são exclusivas da configuração profissional do jogo. Chiquinho já havia sofrido com elas no futebol amador quando ainda atuava no Esporte Clube Limoeiro. Ao ser perguntado sobre o final de sua carreira e o que sentia após ter sido diagnosticado com essas lesões, Chiquinho respondeu que:

É difícil, pra gente jogador profissional quando tem essas lesões que passam seis meses, cinco meses sem jogar é muito difícil porque mesmo sabendo que você tem um contrato, mas você corre o risco de não poder mais jogar em alto nível no jeito que você vinha

³³ Apelido dado ao Fortaleza Esporte Clube por conter em seu escudo três cores: vermelho, azul e branco.

HISTÓRIA E CULTURAS

jogando. Foi o que aconteceu comigo porque foi muito grave, rompeu o ligamento do tornozelo e quando a gente volta a jogar, é... você não volta do mesmo jeito, a mesma confiança. As dores existem, jogador profissional que não joga sem dor acho que é muito difícil porque todos só jogam com dores porque é muito intenso, muito treino, futebol de alto nível, muito contato e jogadores que... que querem seguir mais tempo na sua profissão tem que ter a sorte de não se lesionar, porque quando se lesiona, você vê grandes jogadores que depois que se lesionaram não voltam mais do mesmo jeito que eram. (SOUSA, Limoeiro do Norte, 11 de fev. de 2022).

É possível notar, dessa forma, que a dúvida e o medo são sentimentos que andam junto com as lesões no futebol profissional pela incerteza da continuidade de um nível performático anterior atingido pelo jogador. Isso pode acabar prejudicando na renovação de contratos de trabalho e na contratatação por novos clubes.

Após encerrar sua carreira profissionalmente, Francisco Nogueira de Sousa volta a atuar de maneira amadora em Limoeiro do Norte, passando por equipes como, Vila União e São Raimundo. Para atuar pelo São Raimundo, Chiquinho fala que teve a participação importante de Zé Régis, que dessa vez, atuou na mediação da negociação para que o ex-profissional atuasse pela equipe. No entanto a campanha no campeonato local não foi a esperada.

4. Conclusão

Concluimos esse trabalho, apesar de deixar incontáveis lacunas passíveis de pesquisas mais aprofundadas, com esclarecimentos feitos a cerca da construção histórica de configurações do futebol identificadas em Limoeiro do Norte, município do interior Cearense, tendo como base as memórias de experiências de dois ex jogadores de futebol, José Silvestre da Costa Régis e Francisco Nogueira de Sousa. As entrevistas realizadas com os dois, assim como o cruzamento destas com outras fontes, e baseados nas definições de Arlei Sander Damo (2003), nos permitiram identificar que as estruturas bricoladas, amadoras e profissionais foram construídas em temporalidade diferente dos outros grandes centros do país.

A primeira, marcada pela presença de uma memória coletiva que (re) afirma a centralidade das elites na emergência do futebol no Brasil, estando presente de 1916 até 1947, consolidada como uma prática adaptada às circunstâncias espaciais e sociais apresentadas, que além disso não detinha entidades reguladoras. Também é marcante a inconstância das equipes, movimentação de jogadores entre times e a popularização do jogo nas comunidades do município durante a década de 1930. O trânsito entre posições como jogador, dirigente e intermediário é outro aspecto relevante dessa configuração.

HISTÓRIA E CULTURAS

A segunda, marcada ainda pelos campos de areia, já detinha estruturas organizadoras da prática, tendo como entidade reguladora a LDLN, que embora tenha sido fundada em 1947, só conseguiu estabilizar sua atuação durante a década de 70 com a realização dos campeonatos locais. Criaram-se de maneira mais efetiva rivalidades, a nível competitivo, protagonizadas principalmente entre Sociedade Esportiva Palmeiras e Esporte Clube Limoeiro, revezando os títulos do campeonato limoeirense.

A configuração profissional só foi acessada no município pelo Esporte Clube Limoeiro, não houve uma difusão do modelo por outros clubes. Ela foi marcada por adaptações pessoais, no caso de Chiquinho e coletivas, do clube e da torcida ao futebol de espetáculo. Tendo como início as categoria de base do clube, Chiquinho construiu por dois anos, 1995 e 1996 sua trajetória profissional no ECL. O futebol significou para ele e sua família uma ascensão econômica importante, entretanto a carreira profissional também conteve experiências difíceis como a dor das lesões e da saudade.

Partimos, portanto, tendo como temática o futebol em Limoeiro do Norte, do individual para o coletivo, das experiências desses sujeitos para estruturas e configurações que afetam e mobilizam o coletivo. Dessa forma compreendemos o futebol como um objeto de pesquisa interdisciplinar, que não é independente da sociedade ou então um espaço que não se discute já que “mais que mero reflexo passível da sociedade, é sua parte constitutiva, conformando-se em vetor das mudanças contextuais vivenciadas na economia, na política e na cultura.” (BUARQUE; MEDEIROS, 2021, p.282)³⁴

³⁴ HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy (org.). De "país do futebol" a "país dos megaeventos": um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; FONTES, Paulo (org.). **Futebol e mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2021. Cap. 9. p. 255-286.